

**A CIÊNCIA E A EDUCAÇÃO COMO PROJETO DOS EUCLIDIANOS PONTA-GROSSENSES (1947-1983): O JORNAL, A RÁDIO E O COTIDIANO COMO ESPAÇO DE INSTRUÇÃO**

**SCIENCE AND EDUCATION AS A PROJECT OF THE EUCLIDEAN INTELLECTUALS OF PONTA GROSSA (1947–1983): THE NEWSPAPER, THE RADIO, AND EVERYDAY LIFE AS SPACES OF INSTRUCTION**

**LA CIENCIA Y LA EDUCACIÓN COMO PROYECTO DE LOS EUCLIDIANOS DE PONTA GROSSA (1947–1983): EL PERIÓDICO, LA RADIO Y LA VIDA COTIDIANA COMO ESPACIO DE INSTRUCCIÓN**



10.56238/edimpacto2025.090-041

**Jonathan de Oliveira Molar**

Doutor em Educação

Instituição: Universidade do Estado da Bahia

E-mail: [jmolar@uneb.br](mailto:jmolar@uneb.br)

**Márcio Soares Santos**

Doutor em Estado e Sociedade

Instituição: Universidade do Estado da Bahia

E-mail: [marsoares@uneb.br](mailto:marsoares@uneb.br)

---

## RESUMO

O capítulo analisa a atuação do Centro Cultural Euclides da Cunha (CCEC), fundado em 1947 em Ponta Grossa (PR), enquanto espaço de difusão científica, cultural e educacional, inspirado no ideário modernizador e euclidiano. O tema central é a articulação entre ciência, cultura e educação como instrumentos de formação moral e intelectual da sociedade, especialmente das camadas populares, por meio de veículos de comunicação e práticas cotidianas de instrução. O objetivo central consiste em compreender como o CCEC utilizou o jornal Tapejara, a Rádio Clube Ponta-Grossense e eventos como a Semana Euclidiana e a Maratona Intelectual Euclidiana para divulgar conhecimentos científicos, promover a leitura e estimular o interesse pela cultura e pela educação. Tais iniciativas buscavam consolidar ideais urbanos de modernidade e progresso, relacionando o saber científico à construção da identidade nacional e à valorização moral do cidadão. O estudo fundamenta-se em referenciais teóricos da história da ciência e da educação, com destaque para Pierre Bourdieu (campo intelectual e poder simbólico), Sílvia Figueirôa (ciência como parte da cultura), Jean-François Sirinelli (sociabilidade intelectual) e Carlos Vieira (educação e modernidade). A abordagem evidencia que os euclidianos de Ponta Grossa compreenderam a educação não apenas como ensino formal, mas como processo social e cultural de instrução das massas, associando ciência, moral e patriotismo ao projeto civilizatório do grupo.

**Palavras-chave:** Centro Cultural Euclides da Cunha. Ponta Grossa-PR. Ciência, Educação e Cultura. Modernidade e Identidade. Formação Moral.

## ABSTRACT

The chapter analyzes the activities of the Euclides da Cunha Cultural Center (CCEC), founded in 1947 in Ponta Grossa, Paraná, as a space for the dissemination of scientific, cultural, and educational ideas inspired by a modernizing and Euclidean ideal. The central theme is the articulation between science, culture, and education as instruments for the moral and intellectual formation of society, particularly of the popular classes, through communication media and everyday instructional practices. The objectives are to understand how the CCEC used the newspaper Tapejara, the Rádio Clube Ponta-Grossense, and events such as the Euclidean Week and the Euclidean Intellectual Marathon to promote scientific knowledge, foster reading, and stimulate interest in culture and education. These initiatives sought to consolidate urban ideals of modernity and progress, linking scientific knowledge to the construction of national identity and to the moral enhancement of citizenship. The study is based on theoretical frameworks from the history of science and education, especially Pierre Bourdieu (intellectual field and symbolic power), Sílvia Figueirôa (science as part of culture), Jean-François Sirinelli (journals and intellectual sociability), and Carlos Vieira (education and modernity). The analysis shows that the Euclidean intellectuals of Ponta Grossa understood education not only as formal instruction but as a broader social and cultural process aimed at enlightening the masses, connecting science, morality, and patriotism to their civilizing Project.

**Keywords:** Euclides da Cunha Cultural Center. Ponta Grossa, Paraná. Science, Education, and Culture. Modernity and National Identity. Moral Formation.

## RESUMEN

El capítulo analiza la actuación del Centro Cultural Euclides da Cunha (CCEC), fundado en 1947 en Ponta Grossa (PR), como un espacio de difusión científica, cultural y educativa, inspirado en el ideario modernizador y euclidiano. El tema central es la articulación entre ciencia, cultura y educación como instrumentos de formación moral e intelectual de la sociedad, especialmente de los sectores populares, a través de medios de comunicación y prácticas cotidianas de instrucción. El objetivo principal consiste en comprender cómo el CCEC utilizó el periódico Tapejara, la Radio Clube Ponta-Grossense y eventos como la Semana Euclidiana y la Maratón Intelectual Euclidiana para divulgar conocimientos científicos, promover la lectura y estimular el interés por la cultura y la educación. Tales iniciativas buscaban consolidar ideales urbanos de modernidad y progreso, relacionando el saber científico con la construcción de la identidad nacional y con la valorización moral del ciudadano. El estudio se fundamenta en referentes teóricos de la historia de la ciencia y de la educación, destacando a Pierre Bourdieu (campo intelectual y poder simbólico), Sílvia Figueirôa (la ciencia como parte de la cultura), Jean-François Sirinelli (sociabilidad intelectual) y Carlos Vieira (educación y modernidad). El enfoque evidencia que los euclidianos de Ponta Grossa comprendieron la educación no solo como enseñanza formal, sino como un proceso social y cultural de instrucción de las masas, asociando ciencia, moral y patriotismo al proyecto civilizatorio del grupo.

**Palabras clave:** Centro Cultural Euclides da Cunha. Ponta Grossa-PR. Ciencia, Educación y Cultura. Modernidad e Identidad Nacional. Formación Moral.

## 1 INTRODUÇÃO

Em 1947, alguns profissionais liberais da cidade de Ponta Grossa/PR fundaram o Centro Cultural Euclides da Cunha (CCEC)<sup>1</sup>, de acordo com o presidente do Centro, Faris Michael<sup>2</sup> no Jornal do Paraná de outubro de 1947: “Acaba de ser fundada na nossa cidade, o Centro Cultural Euclides da Cunha, antigo sonho de vários intelectuais ponta-grossenses, somente agora concretizado” (Jornal do Paraná, 1947, p. 5).

O CCEC, em sua ata fundacional, delimitava como seus objetivos: incrementar as atividades intelectuais, promover palestras e conferências de cunho científico, editar um jornal trimestral e discutir assuntos relacionados ao Brasil e ao continente americano e homenagear Euclides da Cunha<sup>3</sup>, admirado por Faris e considerado por ele como: “o maior escritor brasileiro de todos os tempos”, a tal ponto dos euclidianos chamarem uns aos outros de “Jagunços do Pitangui”<sup>4</sup>, fazendo referência à mais conhecida obra de Euclides, Os Sertões.

O Centro Cultural Euclides da Cunha foi fundado a partir da perspectiva do movimento euclidiano e, em âmbito regional, trabalhava com a vaga modernizadora por meio da organização da cultura em Ponta Grossa, projetos como a construção de um prédio próprio para Biblioteca Pública, a criação de uma Faculdade na cidade, entre outros demarcaram a atuação e trajetória do grupo<sup>5</sup>. Nesse sentido, por meio da documentação deixada pelo CCEC<sup>6</sup> analisaremos a forma com que seus membros

---

<sup>1</sup> O centro Cultural localizava-se na Rua XV de Novembro, região central de Ponta Grossa, e era mantido por verbas destinadas pelos Governos Federal, Estadual e Municipal (Wanke, 1999, p. 101). Em sua dissertação de mestrado, Carmencita Ditzel (1998) analisou o CECC e explicitou que seus membros eram médicos, advogados, professores etc. O CCEC encerrou suas atividades em 1985, tendo como principal causa, a falta de incentivadores e a renovação de membros que levassem seus projetos a diante.

A primeira Diretoria foi constituída pelos seguintes nomes: Presidente: Dr. Faris A. S. Michael; Vice-presidente: Zenor Ribas; Secretário Geral: José Haynor Rodrigues; 1º Secretário: Tenente Carlos Gomes Vilela; 2º Secretário: Jorge Saad; 1º Tesoureiro: Walter Machado de Oliveira; 2º Tesoureiro: Hamilton Lima Ribas; Bibliotecário: Clóvis Carnaciali; 2º Bibliotecário: Olavo Vidal Correia. (Ata de Fundação do Centro Cultural Euclides da Cunha *apud* Wanke, 1999).

<sup>2</sup> Nascido em Mococa- SP veio com seus pais para Ponta Grossa com, aproximadamente, quatro anos de idade. Graduou-se em Direito pela Faculdade de Direito do Paraná, porém, nunca advogou. Foi docente do ensino regular no Colégio Regente Feijó e posteriormente, professor na Faculdade de Ponta Grossa. Foi presidente do CCEC e editor do jornal do CCEC, o Tapejara.

<sup>3</sup> O CCEC inseria-se num movimento mais amplo, o Movimento Euclidiano, criado em São José do Rio Pardo e que continua com suas atividades até os dias atuais, comemorando anualmente a vida e a obra de Euclides da Cunha. As homenagens anuais realizadas em homenagem a Euclides (Semana Euclidiana) cresceram, sobremaneira, durante as décadas de 1930/40, sendo organizadas de forma pomposa e contando com participantes vindos de várias partes do país. Não por coincidência, a política nacionalista e normativa de Vargas incentivava ainda mais comemorações desse cunho, no qual, por um lado, admirava-se a figura de Euclides e, por outro lado, dava-se um exemplo de festa cívica e patriótica realizada em Rio Pardo.

Esse “ritual de iniciação” segundo Trovatto (2002) ganhava novos adeptos que iam à Rio Pardo e por meio de Casas Culturais Euclidianas que se espalhavam pelo Brasil, como em Natal/RN, Rio de Janeiro/RJ e Ponta Grossa/PR. As casas de Cultura que levavam o nome de Euclides trabalhavam para expandir a imagem do literato e incentiva o estudo de temáticas sobre a cultura brasileira.

<sup>4</sup> Pitangui é um dos rios que cortam a cidade de Ponta Grossa.

<sup>5</sup> Os euclidianos do CECC fundaram ou auxiliaram na fundação das seguintes instituições: Centro Cultural Euclides da Cunha (CCEC) - 1947, jornal *Tapejara* - 1950, Centro Cultural Brasil – Estados Unidos – 1955, Museus Campos Gerais - 1950, Instituto Histórico-Geográfico de Ponta Grossa (s/d), Biblioteca Pública – 1954 e a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras – 1949.

<sup>6</sup> A documentação está disponível para consulta e encontra-se no Centro de Documentação do curso de História da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG).



e os sócios com os quais trocavam correspondências compreendiam a expansão da ciência e a instrução das massas por meio de um processo educativo durante parte do século XX na citada cidade.

Pois, a intelectualidade nacional<sup>7</sup>, das capitais às cidades do interior, buscava em suas ações e discussões trabalhar com um imaginário no qual a modernidade tornava-se palavra-chave para a construção do ideal de progresso, de tal forma que essa intelectualidade chamava/representava para si a tarefa de guiar o Brasil rumo ao desenvolvimento, como porta vozes da ciência e da cultura, sendo a Educação uma de suas vias de difusão. Observamos nos euclidianos do CCEC essa marca em seus projetos e nas representações que construíram sobre si.

Para tanto, o presente estudo está dividido em duas partes: na primeira, contextualizamos a formação do campo científico no Brasil em fins do século XIX e o jornal e a rádio como uma de suas ferramentas de difusão, mais especificamente, observando este fenômeno em Ponta Grossa; na segunda, analisamos as ações dos euclidianos por meio de maratonas educacionais e culturais, pronunciamentos em prol da Educação das massas, entre outras ações, os quais se colocavam como fomentadores e guardiões da modernização na cidade por meio da vaga educacional.

## **2 A BUSCA DO CENTRO CULTURAL EUCLIDES DA CUNHA (CCEC) PELA EXPANSÃO DA CIÊNCIA: O JORNAL E A RÁDIO**

A historiografia do período de 1920-40 pode ser considerada como de transição e de formação no que tange ao campo científico no país, principalmente em sua esfera institucional, cujos primeiros frutos viriam a ser colhidos ainda na década de 1930 com a criação da Universidade de São Paulo e da Universidade do Distrito Federal.

Outrossim, a inserção de debates sobre o campo científico já vinha sendo empreendido pelos intelectuais anteriormente ao período de 1930. Durante o século XIX, após a independência do Brasil, ainda que com a intervenção imperial/regencial evidenciamos uma crescente preocupação de divulgar o país no cenário mundial, tendo como vias possíveis para tal acesso a cultura e a ciência. A criação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e do Arquivo Público do Império, ambos em 1838 e posteriormente a criação dos Institutos Históricos e Geográficos nas Províncias explicitavam em parte a citada preocupação com a questão cultural e científica.

A ênfase dada pelo Estado e pela elite nacional à importância da ciência refletia-se na criação de novas instituições que corroborassem para tal ideal, entre elas, pode-se citar: Museu Paraense

---

<sup>7</sup>Compreendemos o intelectual como o indivíduo que ora agregado à cultura, ora ao campo do poder, isso quando não simultaneamente às duas esferas, participa ativamente na e da sociedade. Conforme a ótica empregada pelos sujeitos e grupos, o intelectual pode vir a ser um administrador, professor, um líder comunitário, etc. Sobre os intelectuais corrobora para a discussão Vieira: “O que é essencial nesse conceito é que não existe nenhum *a priori* de formação e/ou posição institucional para definir o intelectual. Cabe sempre ao investigador interessado na sua exploração analisar a natureza dos projetos formativos em curso, a ação dos seus protagonistas e, sobretudo, avaliarem contexto as consequências sociais desses projetos”. (Vieira, 2001, p. 57).



(1871), Observatório Nacional (1871), Academia Científica do Rio de Janeiro (1872), desmembramento da Escola Central em Escola Politécnica do Rio de Janeiro (1875), Comissão Geológica do Brasil (1875), Escola de Minas de Ouro Preto (1875), Instituto Pasteur de São Paulo (1888), Instituto de Manguinhos (1900), entre outras (Figueirôa, 2007).

A ideia de divulgação da ciência no Brasil enquanto instrução contribuiu para a criação em 1916 da Sociedade Brasileira de Ciência, cujo nome foi alterado em 1922 para Academia Brasileira de Ciência (ABC). No campo da divulgação científica lançou-se em 1917 a Revista Ciência ao Alcance de Todos e Revista da Sociedade Brasileira de Ciências; em 1923 a Revista de Divulgação Científica geral; e em 1929 a Revista Sciencia e Educação. Para Henrique Morize, um dos fundadores da ABC:

Espalhar a importância da ciência como fator de prosperidade nacional (...) era indispensável que se fundasse um grêmio, onde aqueles que estudam as questões de ciência pura pudessem encontrar fraternal agasalho e no qual se promovesse a formação de um ambiente intelectual capaz de transformar a indiferença, ou mesmo em alguns casos a hostilidade, com que a maioria habitualmente acolhe a publicação de tudo quanto não tem o cunho de utilidade material (Morizé, 1989, p. 4-9).

Os euclidianos em Ponta Grossa seguiam a dinâmica do campo científico dos maiores centros do país no que tange à movimentação e vulgarização da ciência, pois, ainda que estivessem à margem desse campo pois apresentavam menos autonomia em relação a ele e suas regras, circulavam em busca de diálogos e visibilidade. Nesse sentido, observamos o acompanhamento do CCEC diante das discussões nacionais para a expansão da ciência, ela se dava por meio do caráter informativo e educativo, pois as palestras, o jornal e os programas de rádio não eram elaborados com o intuito de apenas discutir aspectos epistemológicos do campo cognoscente mas também de construir entre a população “leiga” conhecimentos contemporâneos e históricos sobre as “coisas do Brasil”. Segundo Sílvia Figueirôa:

Permite-nos assumir que a ciência é parte da cultura como qualquer outra manifestação, dentro dos respectivos limites definidos pelos seus atores para um determinado conjunto de significados, crenças e atividades. Não opera assim, num vazio social e mantém, por conseguinte, relações estreitas de interdependência com as esferas do político, do social, do econômico e do cultural (Figueirôa, 2007, p. 10).

Dentre tais estratégias, a imprensa escrita tornava-se, desde fins do século XIX, uma importante ferramenta para a disseminação de projetos para o Brasil e também para abordar o campo científico, isto é, espaço desse labor intelectual. A divulgação de revistas e jornais que, direta ou indiretamente, abordavam temáticas científicas ou que apresentavam em seus títulos a palavra ciência aumentava também gradativamente. De acordo com Ildeu Moreira e Luisa Massarani (2002) de 1850 a 1880 já havia, aproximadamente, 7.000 periódicos espalhados pelo Brasil, destes, 300 faziam referência no título (ou estavam ligados) à ciência. De acordo com Sirinelli sobre a estrutura dos jornais e revistas:



Entre as estruturas mais elementares, duas, de natureza diferente, parecem essenciais. As revistas conferem uma estrutura ao campo intelectual por meio de forças antagônicas de adesão – pelas amizades que as subtendem, as fidelidades que arrebanham e a influência que exercem – e de exclusão – pelas posições tomadas, os debates suscitados, e as cisões advindas. Ao mesmo tempo em que um observador de primeiro plano da sociabilidade de microcosmos intelectuais, elas são aliás um lugar precioso para a análise do movimento das idéias. Em suma, uma revista é antes de tudo um lugar de fermentação intelectual e de relação afetiva, ao mesmo tempo viveiro e espaço de sociabilidade, e pode ser, entre outras abordagens, estudada nesta dupla dimensão. (Sirinelli, 2003, p. 249).

O estatuto do Centro Cultural Euclides da Cunha previa, desde sua fundação: “editar um jornal ou boletim trimestral, contendo matéria variada e de interesse geral”. Esse jornal foi criado em 1950, sendo chamado de *Tapejara*, de inspiração Tupi, significando “Senhor do Caminho”. O texto estatutário citava que seu conteúdo seria de matéria variada e de interesse geral, todavia, ao longo dos 24 números do jornal, em mais de duas décadas de existência (1950 – 1976)<sup>8</sup>, percebemos que a temática central problematizava questões relativas à identidade cultural do Brasil e a modernização científica.

Desse modo, o conteúdo central do *Tapejara* estava direcionado para o campo cultural, tal como a própria diretriz do CCEC, constituindo-se como principal veículo de comunicação e de expansão das ideias euclidianas de Ponta Grossa para o Brasil e para fora do país. Criar um jornal ou qualquer outro órgão correlacionado à imprensa, o que significa vislumbrar divulgação em grande escala, tornava-se uma estratégia valiosa para os objetivos dos intelectuais congregados em centros culturais e grêmios literários em cidades do interior do país. De acordo com Faris Michaele, presidente do CCEC e um dos euclidianos mais atuantes, no primeiro número do *Tapejara*, o jornal que acabava de ser lançado apresentava um duplo objetivo:

Veículo do Centro Cultural Euclides da Cunha, *Tapejara*, ao mesmo tempo que procurará divulgar a mensagem euclidiana pelo Brasil afora, desempenhará, igualmente, o papel de porta-voz da fraternidade cultural em geral entre o Brasil e seus irmãos da Indo América, essa Indo América tão rica em homens e ideias [...] (*Tapejara*, 1950, p.1).

Em duas correspondências endereçadas ao CCEC, uma da Biblioteca Pública de São Paulo e outra da Biblioteca Pública do Paraná, visualizamos relativamente o público de leitores e a busca pelo *Tapejara* nas bibliotecas:

Solicito-lhe seja mantida para o próximo ano de 1953, a remessa regular de excelente publicação dirigida por V.S. e cujo título figura nos fichários da Biblioteca, sendo muito procurada pelos frequentadores. (Biblioteca Pública de São Paulo, 1952).

<sup>8</sup> Observamos uma periodicidade mais frequente durante a década de 1950, nas décadas posteriores, o *Tapejara* chega a ficar, por mais de uma vez por alguns anos sem editar nenhum número. Conforme a documentamos que tivemos acesso, o arrefecimento da periodicidade do jornal está correlacionado ao enfraquecimento das ações do CCEC, em decorrência da diminuição das subvenções governamentais à entidade e de novos membros que levassem adiante os projetos euclidianos.



Cumpre-nos agradecer a remessa dos jornais solicitados, com a presteza sobejamente conhecida desse prestigioso órgão cultural, legítima fonte de admiração para todos os paranaenses. Vieram os mesmos preencher sensível lacuna na Biblioteca Pública do Paraná, dada a procura repetida dos mesmos. (Biblioteca Pública do Paraná, 1952).

Segundo o texto das solicitações de remessas podemos observar que o periódico dos euclidianos encontrava um público leitor nas bibliotecas. Até que ponto enfatizar a procura era um recurso retórico que facilitaria o envio do jornal ou mais uma forma ritualizada de se comportar dentro do campo intelectual não podemos precisar. Entretanto, supomos que duas bibliotecas públicas localizadas na capital não solicitariam novos números de um jornal interiorano com insistência caso não houvesse de fato uma quantidade mínima de leitores.

Por conseguinte, e independentemente da quantidade de leitores do *Tapejara* nas bibliotecas públicas, reside a compreensão de que o *Tapejara* chegava às mãos tanto de círculos intelectuais quanto do público em geral, ampliando o acesso de leitores e incentivando a visibilidade das ideias contidas nas colunas do jornal, ou seja, promovendo as atividades elaboradas pelos euclidianos na cidade de Ponta Grossa. Nesse sentido, o euclidiano coronel Murillo Teixeira Barros<sup>9</sup> considerava no *Tapejara*:

É distribuído [o *Tapejara*] gratuitamente aos euclidianos e aos outros centros culturais do país e do exterior.

Em Portugal, revistas e jornais transcrevem colaborações do *Tapejara* e, em Lausanne, na longínqua Suíça, o nosso jornal foi considerado a verdadeira voz do Brasil. E de vários países da América chegam aplausos ao nosso movimento vitorioso. (*Tapejara*, 1955, p. 14).

Murillo Barros fazia questão de representar publicamente a imagem de ampla circulação do *Tapejara* pelo Brasil e pelo mundo, ponderando que o periódico não publicava matérias pagas, isto é, que o escopo do jornal estava focado na proposição de ideias e conhecimentos acerca da cultura, constituindo-se assim como veículo de diálogo intelectual e educacional, a “verdadeira voz do Brasil”.

Corroborando para a discussão, sobre os discursos produzidos no campo, nesse caso, o científico, considera Bourdieu:

A ação das obras sobre as obras, de que falava Brunetiere, só se exerce por intermédio de autores cujas estratégias devem à posição relativa que têm na estrutura do campo intelectual a forma, a lógica e o conteúdo que apresentam [...] o analista procura a intenção objetiva escondida por debaixo da intenção declarada, o querer-dizer que é denunciado no que ela declar. [...] (Bourdieu, 1998, p.72).

Assim, tornava-se uma constante nos discursos euclidianos construir a imagem de trabalhadores desinteressados voltados para a valorização cultural e intelectual do país e enfatizar que

---

<sup>9</sup> Natural de Fortaleza, foi subcomandante do 13º Regimento de Infantaria de Ponta Grossa, tornando-se general. Dedicou-se também ao ofício intelectual, tendo escrito o livro *A gente da terra de Ibirapitanga*. Foi vice-presidente, durante alguns anos, do CCEC.

o *Tapejara* chegava à Suíça ou outros países europeus significava também valorizar as ideias euclidianas e os longínquos leitores que alcançavam.

O *Tapejara* apresentava duas colunas interessantes para a presente discussão: “Obras e Homenagens” e “Notas e Notícias Culturais”. Ambas possuíam por escopo divulgar obras, acontecimentos científicos/culturais e palestras para o grande público, o *Tapejara* era distribuído tanto para círculos intelectuais quanto instituições educacionais, bibliotecas e pelo comércio.

Desse modo, a coluna “Obras e Homenagens” divulgava o lançamento de números de revistas científicas e culturais, do Brasil e do exterior, o surgimento de novos periódicos, homenagens aos pesquisadores do país como um todo e aos que compunham o grupo euclidiano pela publicação de uma obra ou por seu falecimento. A título ilustrativo, em um dos números do *Tapejara* veiculava-se a Revista da Academia Paranaense de Letras, n. 21/22, publicada entre 1974 e 1975, se pode ler:

A revista da Academia Paranaense de Letras é um órgão de significativo relevo, no cenário das Letras do Paraná [...]. Na súpula do presente número, a começar pelo artigo de fundo, que é sobre o caboclo [...] passando por biografias, história, sociologia e outras secções importantes da cultura. Os acadêmicos mostram aí que o sentido de Academia se acha agora, um tanto, transformado, pois que, nesta quadra de tanto desperdício de talento e propósitos, o conceito respectivo, também, tem de universalismo, compreensão do homem através do saber [...]. Oswaldo Pilotto, Túlio Vargas, Manoel de Oliveira Franco Sobrinho [...] e inúmeros outros, vivos, ao lado dos mortos, estão aí, unidos e conscientes diante das precariedades e distorções da época, para proclamar que o homem não é esse autômato sem expressão e sem vontade [...] (*Tapejara*, 1971-1976, p.19).

A segunda seção, Notas e Notícias Culturais, fornecia informações sobre acontecimentos culturais e científicos que aconteceram e aconteceriam em Ponta Grossa, ou seja, a vinda de um intelectual para proferir uma palestra, o surgimento de instituições culturais na cidade e a comemoração da Semana Euclidiana são exemplos dos informes ali veiculados. Inferimos com isso o trabalho no sentido de vulgarizar, isto é, popularizar as discussões e pesquisas científicas ao grande público.

Por mais que discursivamente os intelectuais buscassem representar tais ações como voltadas para o grande público, temos que considerar que os interlocutores que mais se interessavam por palestras, eventos e discussões eram os próprios intelectuais. De médio a longo prazo, a expansão de projetos para o grande público parece fazer mais sentido, de modo que a popularização e as ações mais constantes aos poucos atraíram a atenção da população.

Seus efeitos práticos, todavia, não anulam a busca por uma valorização científica que, se perpassava é bem verdade pelos interesses pessoais desses intelectuais, também estava marcado pela ideia de fortalecimento cultural e intelectual das pessoas. Esse público, por um lado, podia ainda não estar interessado em ouvir por horas um programa radiofônico cujo conteúdo fosse sobre temática científica, por outro lado, torna-se coerente afirmar que tais publicações sendo veiculadas com maior volume abriam, ao menos, a possibilidade de novos ouvintes ou de leitores que passavam a ter acesso facilitado a elas.





A noção de apresentar e, mais do que isso, de didatizar as temáticas e debates científicos para a população tornava-se, ao mesmo tempo, uma ferramenta de diálogo para os intelectuais, de reconhecimento de seus projetos e um imperativo visando preparar a sociedade para compreender e afinar-se aos postulados da modernidade, sendo uma dessas necessidades conhecer a ciência como instrução intelectual/cultural. Tanto que, em outro número do *Tapejara*, na mesma seção (Notas e Notícias Culturais) informava aos leitores que “(...) vários oradores se fizeram ouvir pela Rádio Clube Ponta-Grossense. São eles: Dr. Faris Michaelle, Thiago Gomes de Oliveira, Herculano Torres Cruz, Prof. Edgar Zanoni, Silvino Sanders e Major Murillo Barros, que proferiu interessante conferência sobre o Rio São Francisco”. (*Tapejara*, 1951, p. 2).

Podemos observar a inter-relação entre os veículos de comunicação da cidade e o uso que os euclidianos faziam deles para promover suas ideias e inserir a população como ouvinte de suas atividades. Para tanto, o *Tapejara* constituía-se ao mesmo tempo como meio e como fim de divulgação do CCEC, pois nele encontramos discussões científicas e culturais e também o anúncio de palestras e eventos que ocorreriam em outros espaços de Ponta Grossa.

O *Tapejara* não havia sido o único meio de comunicação e de expansão das ideias euclidianas, pois, a Rádio Clube Ponta-Grossense<sup>10</sup> foi outro veículo constantemente utilizados pelos euclidianos. Os programas radiofônicos apresentavam como vantagem a crescente expansão do rádio pelos lares brasileiros, pois, em 1927, estima-se que cerca de 30.000 mil aparelhos já estavam dentro das casas pelo país; além do que, o Brasil possuía ainda um número considerável de analfabetos (Vaz, 2005) o

<sup>10</sup> A Rádio Clube Ponta-Grossense foi autorizada a funcionar pela Portaria 454 de 15 de setembro de 1939, mas a inauguração oficial ocorreu no dia 21 de janeiro de 1940, junto ao estúdio e transmissor, instalados na Avenida Ernesto Vilela (foto) n. 96, sob o prefixo de PRJ-2, Rádio Clube Ponta-Grossense, 1.250 Kilociclos, Ondas Médias de 240 metros e potência de 250 Watts.

A criação da Rádio Clube Ponta-Grossense PRJ-2 foi inusitada e inovadora. Foi a 2ª rádio do Paraná e a 1ª do interior do estado. A primeira do estado foi a PRB-2, de Curitiba. O estúdio da PRJ-2 ficava localizado na Avenida Ernesto Vilela, bairro da Nova Rússia, juntamente com suas torres de transmissão. Os primeiros diretores da rádio foram Abílio Holzmann e Manoel Machuca, sendo este o primeiro a usar o microfone da PRJ-2. Para maiores informações, consultar: BURNAT, Fábio A. (*et al.*). **Nas ondas da PRJ- 2. II Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho**. Florianópolis, 2004.

Grade de programação em 1940:

9,00 – Início Das Irradiações	12,40 – Variado	18,30 – Cívico Informativo
9,05 – Instantâneos Mundiais	13,00 – Horário De Trens	18,45 – Melodias Famosas
9,10 – Música Variada	13,00 – Obras Imortais	19,30 – Comentário de PRJ-2
10,30 – Desfile De Cantores	Compositores Célebres	19,40 – Variado
10,45 – Variado	13,30 – “Gentilezas”	20,00 – Hora Do Brasil
11,00 – Um Ritmo Por Dia	17,00 – Música Seleccionada	21,00 – Estúdio
11,15 – Variado	17,30 – Popular Variado	22,00 – Boletim Informativo
11,30 – Horário De Trens	18,00 – Ave, Maria!	22,15 – Música Variada
12,00 – Boletim Informativo	18,05 – Momento Católico	22,30 – Encerramento
12,20 – Movimento Social	18,10 – Esportes Pelo Rádio	
12,30 – Cortina Sonora		



que, sem dúvida, restringia o acesso das revistas científicas ao grande público, diferentemente do que ocorria com o rádio. (Massarani; Moreira, 2001). De acordo com Sônia Virgínia Moreira:

Durante praticamente toda a década de 20, o rádio brasileiro caracterizou-se pela produção de programas simples – informativos e musicais – que eram resultado da falta de investimento no setor. Os anos 30, entretanto, trazem uma mudança súbita e fundamental na programação radiofônica, mais especificamente a partir de 1932, quando vai ao ar aquele que pode ser considerado o primeiro *jingle* do rádio. (Moreira, 1991, p. 22).

Diferentemente da ABE e outras instituições que criaram uma rádio exclusiva para a divulgação do conhecimento científico, os euclidianos de Ponta Grossa não eram proprietários da Rádio Clube Ponta-Grossense (PRJ-2), além disso, a citada empresa radiofônica não veiculava exclusivamente programas de cunho científico ou relacionados à cultura brasileira, entretanto, inseria ao longo de sua programação palestras e discursos proferidos pelos euclidianos e seus convidados. Conforme notícia apresentada no *Tapejara*:

Na Rádio Clube Ponta-Grossense, gentilmente cedida pelos seus dignos diretores, Abílio Holzmann e Manoel Machuca, ocuparam o microfone sucessivamente, durante a importante e patriótica Semana Euclidiana, os seguintes senhores:

Dia 9, Coronel Murillo Teixeira de Barros, que falou sobre ‘Aspectos da obra euclidiana’

Dia 10, Dr. Heraldo Vidal Correia, que discorreu a respeito da ‘Economia dos Sertões’

Dia 11, Dr. Leônidas Justus, que desenvolveu o tema ‘Euclides da Cunha e a engenharia’

Dia 11, Dr. Eno Theodoro Wanke, que apresentou o trabalho ‘Euclides da Cunha e a Literatura’

Dia 13, Ottakar Haans, que analisou o livro ‘Contrastes e confrontos’

Dia 14, Prof. Major Manoel Grott, que se dirigiu aos colegas, num trabalho, denominado ‘Conversa Euclidiana’

Dia 15, encerramento, com o discurso do Dr. Faris Michael, Euclidianismo em marcha’.

(Tapejara, 1954, p. 20).

Ainda que a rádio não fosse do CCEC, os seus proprietários cediam o espaço para os euclidianos em distintas festividades ou acontecimentos: como a Semana Euclidiana, um convidado de fora de Ponta Grossa que viesse palestrar na Faculdade de Filosofia, entrevistas que visavam expandir e divulgar temáticas do campo cultural e científico na cidade, entre outras possibilidades. Assim, os euclidianos, além do *Tapejara*, ampliavam seus projetos culturais e o público leitor/ouvinte, afinal, a rádio na década de 1940 atingia um grupo maior de pessoas que o jornal – seja por sua linguagem coloquial, seja pelo maior número de aparelhos pelas casas se comparado aos leitores de jornais. Em coluna no *Tapejara* afirmava o membro do CCEC, Daily Wambier<sup>11</sup>:

<sup>11</sup> Foi jornalista, cronista e político (vereador) na cidade de Ponta Grossa. Atuou de maneira ativa no CCEC, tendo sido o único tesoureiro da instituição em sua história e exerceu o cargo de primeiro secretário da Faculdade de Filosofia de Ponta Grossa.



Quando surge uma nova estação de rádio ou um novo jornal – a chamada imprensa falada e escrita da atualidade – lembro-me desde logo, do extraordinário papel que ambos devem desempenhar nas comunidades a que se encontram vinculados e até onde se possa sentir, pelo ar ou pela superfície, a sua presença. (Tapejara, 1960-1961, p.1).

Dessa maneira, o CCEC buscava cumprir a prerrogativa de criar e atuar em espaços culturais diversos – jornal, rádio e faculdades – para a expansão de debates das fronteiras da ciência, ao ponto de dialogar com a cultura e a ciência no sentido de modernizar o Brasil por meio das vozes intelectuais. A expansão das discussões sobre o estatuto científico se tornou mais acessível não só para com o grande público, pois, dentro do próprio círculo intelectual visualizamos cidades menores e do interior por meio de seus grêmios ou centros culturais serem convidadas para eventos que abordariam tais questões em âmbito nacional e internacional.

De forma próxima, em 1950, a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência convidava também os euclidianos para a sua II Reunião Anual que ocorreria naquele ano em Curitiba

Tenho a máxima honra em comunicar a Vossa Senhoria que, de 6 a 11 de novembro próximo vindouro, esta capital [Curitiba] será sede da II Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, a qual congregará ilustres e destacados cientistas patrícios e estrangeiros. (...) terá como primordial finalidade focalizar assuntos científicos de interesse coletivo, pertinentes aos diferentes setores da Ciência, muito dos quais dizem respeito diretamente ao Paraná.

Para esse importante congresso, tenho o grato prazer em convidar Vossa Senhoria, bem assim os associados desse prestigioso centro, por cujo inestimável comparecimento, desde já antecipo meus profundos e sinceros agradecimentos (Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, 1950).

Nesse sentido, o sentimento de missão social que cortava e recobria o grupo por entre suas atividades novamente dava sentido à movimentação e atuação desses intelectuais pela cidade, pois, ressaltavam a representação pública da importância de apresentar os benefícios da cultura ao grande público, aspirações essas que passavam pelo sentimento da educação como caminho para a redenção do atraso nacional.

A construção dessa representação salvacionista e altruísta pode ser percebida de forma bastante nítida nas ações do CCEC quando atrelavam a esfera cultural à educacional na cidade de Ponta Grossa, produzindo discursos que demonstram o ideal civilizatório dessa proposta e, ao mesmo tempo e veladamente, a importância dessas ações para a própria promoção do CCEC.

### **3 OCUPANDO OS ESPAÇOS DA CIDADE: A EDUCAÇÃO NO COTIDIANO DA URBE**

Os euclidianos de Ponta Grossa estavam permanentemente dialogando com a questão educacional, todavia, assumindo a postura de concebê-la por uma esfera mais ampla que o âmbito do ensino formal, de modo a inseri-la nas atividades do dia-a-dia e principalmente no contato com a população da cidade.



Inferimos também por meio das fontes consultadas o esforço do CCEC para auxiliar no processo de criação de instituições como o Museu Campos Gerais, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras e a construção de uma sede própria para a Biblioteca Pública Municipal, instituições essas que também fomentavam a Educação, entretanto, por conta do espaço deste recorte abordaremos esse viés institucional da ciência e do campo educacional em outros estudos, focando neste momento, na visão de instrução das massas por seus veículos de comunicação e eventos.

Dito isso, não eram os euclidianos do CCEC, de maneira geral, teóricos da Educação, entretanto eles deixaram de forma ora velada, ora um pouco mais explicita, a concepção de um projeto educativo que visava dialogar com o projeto cultural modernizador do grupo, interferindo no aporte intelectual da população visando fomentar práticas de leitura e criar instituições culturais e educacionais em Ponta Grossa.

O projeto intelectual euclidiano em sua construção, conforme já apontamos, tornava-se um diálogo da elite para a elite, já que a elaboração dos seus projetos não contava com a participação direta da população. Todavia, o fortalecimento da modernidade, nesse caso, em âmbito sociocultural, dependia não só de uma elite intelectual, tal fortalecimento carecia da instrução das massas, desde crianças e adolescentes nas escolas à educação não formal, cotidianamente possível por meio de palestras de rádio, colunas de jornal, eventos pela cidade etc.

Debruçando-nos sobre as primeiras décadas do XX, percebemos o descompasso que havia entre a modernização que se pretendia e a realidade nacional, de modo que o alijamento histórico das classes populares tornava-se um problema a ser resolvido que, de certa forma, sinalizava nas representações intelectuais para uma inserção dessa população guiada por suas mãos. A imersão de parte da população brasileira em algumas das discussões que ocorriam no âmbito público, por meio da ideia de instrução, trazia ao cenário contemporâneo novas práticas para lidar com a sociedade civil e com a própria noção de modernidade, conforme Vieira:

O sentimento de missão, a postura de demiurgos da nação e da cultura são características marcantes dos diversos protagonistas desse contexto: católicos, liberais, comunistas compartilhavam convicções sobre o papel das elites intelectuais na construção da nacionalidade brasileira (...) considero que, no horizonte dessa *missão civilizatória* reclamada pelos intelectuais, a questão educacional ocupou uma dimensão sem precedentes. Nesse sentido, os conflitos entre os diferentes projetos formativos significavam, nesse período, disputas entre diferentes projetos nacionais e concepções de modernidade.

Os vários projetos em disputa apresentavam a educação do povo e o desenvolvimento nacional como as duas faces de uma mesma questão. Formação da nacionalidade, industrialização e modernidade são empreendimentos considerados impensáveis sem o enfrentamento da questão educacional. A atmosfera intelectual dos anos vinte enfatizava a educação como meio privilegiado de constituição da identidade do povo e da nação, bem como de condição para o desenvolvimento econômico e o bem estar social. (Vieira, 2001, p. 58).

A preocupação das Políticas Públicas com a Educação em sua esfera formal, principalmente na reorganização institucional dos grupos escolares passava a ser trabalhado como item imprescindível

para inculcar no imaginário de crianças e adolescentes o futuro que estaria por vir. A crescente preocupação dos políticos e intelectuais brasileiros, principalmente, após a proclamação republicana, pode ser evidenciada a partir de uma série de reformas educacionais que foram se processando em distintas regiões durante a década de 20, tais como: em São Paulo por Sampaio Dória, no Ceará por meio de Lourenço Filho, no Distrito Federal por Carneiro Leão e também no Paraná empreendida por Prieto Martinez (então Inspetor Geral da Ensino) da gestão de Munhoz da Rocha (Vaz, 2005).

A partir da reforma ocorrida em São Paulo poucos anos antes, Martinez propôs uma série de medidas visando o sistema educacional do Paraná, tais como: visitar as cidades do interior para conhecer a realidade delas, criação de Escolas Normais pelo estado, cursos para formação de professores, combate ao analfabetismo, ampliação do acesso de crianças à educação entre outros (Paraná. Relatório, 1921, p. 06-23).

Dentro do conjunto de medidas empreendidas pelo Paraná na década de 1920, Ponta Grossa se insere dentro dessa Política Pública, tanto que, em 1924 inaugura-se na cidade a primeira Escola Normal Primária, atuando sobre os interessados em seguir o magistério e que colaborariam para o fortalecimento da qualidade da Educação no município, principalmente na formação de professores.

Somente em 1912, foi fundada na cidade a primeira escola pública, o Grupo Escola nº 2 – Escola Pública Promiscua – posteriormente denominado Senador Correia e fundado pela Lei 1201, de 28 de março de 1912. Os dados dos primeiros anos do século XX apontam para a urgência de Políticas Públicas, tal qual a de Martinez, no Paraná e, a nível regional, em Ponta Grossa. A criação da Escola Normal na cidade supriria uma série de lacunas encontradas para a qualificação de professores e de escolas (como o Senador Correia) que atendessem a um número maior de crianças e com uma ordem organizacional mais eficiente. (Luporini, 1997, p.89).

Na gestão de Albary Guimarães, nomeado pelo interventor federal no Paraná Manoel Ribas para dirigir a cidade (no período da Era Vargas), Ponta Grossa presenciou a inauguração de vários grupos escolares para além da região central, tais como: Júlio Teodorico (1934), Professor Collares (1937), General Osório (1939), Professor Amálio Pinheiro (1942) e Grupo Escolar de Olarias (1944) (Carneiro, Oliveira, 2005).

Nesse sentido, as ações do CCEC após 1930 correspondem ao contexto no qual a Educação passa a ser repensada em virtude de sua importância nas representações intelectuais e dos homens públicos visando o futuro brasileiro. Observamos assim, as ações empreendidas para a reforma e ampliação do sistema educacional no Paraná e também em Ponta Grossa. As representações do período estavam direcionadas para a Educação como campo imprescindível para o desenvolvimento material e moral de crianças e jovens. As intervenções do CCEC no espaço não formal complementam e dialogam com essa atmosfera de criação de escolas, formação de professores e ampliação do acesso ao ensino.





Apesar da palavra “educação” ou derivação dela não aparecer em seu estatuto ou ao longo dos discursos dos mais atuantes intelectuais euclidianos, a citada instituição dialogava com esse campo, principalmente por meio das ações culturais empreendidas cotidianamente. Além disso, na visão de outros intelectuais – sócios correspondentes do Centro Cultural – podemos observar a dimensão educacional do CCEC. Em alguns momentos nas colunas publicadas no *Tapejara* a instituição recebia o adjetivo educacional, além dos já conhecido cultural, intelectual para qualificá-la.

Em coluna publicada no *Tapejara*, o prof. Vinícius Rocha dos Santos, assim se reportava ao CCEC:

Tapejara, órgão do Centro Cultural Euclides da Cunha, de Ponta Grossa, Paraná, uma instituição educacional que, cumprindo rigorosamente seus objetivos cívicos e culturais, já pode registrar, merecidamente, com justo orgulho, resultados concretos, com a divulgação do ideal euclidiano em todos os recantos desse imenso Brasil, é um jornal cem por cento nacionalista, sem os exageros do jacobinismo vesgo, sem as tolices de um ‘meu ufanismo’ oco e inexpressivo (Tapejara, 1951, p. 1).

O movimento euclidiano preconizava o campo educacional como espaço importante para a divulgação e preservação da memória do patrono Euclides da Cunha. Dessa forma, tanto em São José do Rio Pardo quanto em outras cidades cujos intelectuais se filiavam à Casa de Euclides havia uma vez ao ano a Semana Euclidiana em homenagem ao nascimento de seu patrono. Durante a Semana realizavam-se palestras, gincanas, homenagens e, principalmente, a Maratona Euclidiana, no qual os estudantes das escolas respondiam perguntas e dissertavam sobre a vida de Euclides e sobre o Brasil, recebendo como prêmios quantias em dinheiro, certificados e medalhas.

Em carta enviada para Faris da Casa de Euclides da Cunha de São José do Rio Pardo, solicitava-se a organização da Maratona Euclidiana em Ponta Grossa:

Mas não é sobre essa série de palestras que viemos falar; queremos sugerir que você realize aí a Maratona Intelectual Euclidiana, porém entre alunos, daí e de outras cidades, que irão, especialmente, a Ponta Grossa, participar do certame cultural (...) Queremos que o Centro Cultural Euclides da Cunha, de Ponta Grossa, movimente a classe estudantil do Estado, incentivando-a a cultivar Euclides (Casa de Euclides da Cunha, 1951).

Em Ponta Grossa, a Semana Euclidiana e dentro dela a Maratona ficava a cargo do CCEC<sup>12</sup>, conforme nos desvelam as cartas vindas de São José do Rio Pardo. O *Tapejara* era o meio de divulgação do evento ao grande público, além de cartas endereçadas às escolas e instituições culturais que visavam promover a Maratona Euclidiana e a importância que esse evento teria para a constituição moral, cívica e intelectual das crianças e adolescentes que dela participavam. No *Tapejara* divulgava-se a missão da Maratona Euclidiana:

---

<sup>12</sup> Os primeiros colocados no certame ponta-grossense da Maratona, posteriormente, eram enviados para concorrer na Semana Euclidiana de São José do Rio Pardo.

O Centro Cultural Euclides da Cunha, da cidade de Ponta Grossa, fará realizar este ano um certame cultural entre os estudantes dos cursos Secundário e Normal, visando incrementar o gosto pela vida intelectual e despertar o interesse do aluno pela vida e pela obra de Euclides da Cunha. As condições são: [...] 5 – A maratona será presidida por um representante do Departamento de Educação e por um membro da Comissão dos Festejos Euclidianos [...] (Tapejara, 1951, p. 4).

A Maratona Euclidiana apresentava vínculo direto com a questão educacional, tanto para sua organização (já que contava com um membro do Departamento de educação do município e do CCEC) quanto para o público ao qual era destinada, jovens que frequentavam as escolas da cidade de Ponta Grossa. Não temos acesso às perguntas ou aos questionários que eram direcionados aos participantes ao longo da competição, entretanto, nos parece nítido que o principal papel da Maratona era o de trazer às gerações mais novas a preservação da memória de Euclides e explicitar o papel da educação como promotora de práticas intelectuais e cidadãs, assim como ocorria uma vez por ano em São José do Rio Pardo.

Conhecer a história de Euclides e o seu pensamento também correspondia a inserir o participante na própria História do Brasil e no direcionamento “às coisas nacionais”. A competição abarcava o contexto histórico que se iniciava nas últimas décadas do XIX com o nascimento de Euclides. Por meio de um evento anual previsto pela Casa de Euclides, observamos o contato mais próximo do CCEC com as instituições educacionais e seus alunos, objetivando fomentar nos mesmos alguns dos princípios adotados pelos euclidianos.

A aproximação dos princípios dos euclidianos com o universo dos alunos incentivava também a possível filiação de alguns dos participantes da Semana Euclidiana ao CCEC no futuro. Desse modo, além do aspecto educacional, não podemos desprezar esse lado estratégico de pensar a organização do evento como forma de expandir a ação euclidiana e de cooptar futuros membros para o grupo.

O *Tapejara* apresentava função primordial para a realização do evento e para cativar futuros membros ao anunciá-lo para o grande público. Conforme analisamos em momentos anteriores, o jornal e a rádio exerceram papel fundamental na divulgação das ideias euclidianas, afinadas com a preocupação do CCEC com o enriquecimento moral e educacional da população ponta-grossense. Nesse diapasão, no caso dos euclidianos de Ponta Grossa, o *Tapejara* e a Rádio Clube foram os principais interlocutores do público para a realização da Semana Euclidiana.

Evidência da importância educacional e cultural desses meios de comunicação podemos encontrar em coluna de Wambier, na década de 1960, no *Tapejara*, ao comunicar os seus leitores que Ponta Grossa ganhava mais uma emissora radiofônica: a Rádio Santana:



Falando em nome dos jornais e das estações de rádio pontagrossenses, eu o faço sobremaneira honrado pela grande distinção, e com alma vibrando de satisfação, por ver o aparecimento de mais uma rádio emissora (Rádio Santana), de mais um veículo de divulgação, de mais um poderoso elemento de expansão da cultura, da difusão da arte e do aprofundamento da educação no seio das nossas populações. (Tapejara, 1960-1961, p. 1).

Além da utilização da imprensa, a atuação euclidiana pela educação não ficava restrita apenas a esse âmbito de divulgação, porque a circulação desses intelectuais se dava de maneira física também, trafegando cotidianamente por instituições e espaços da cidade. Por meio de notícias divulgadas no *Tapejara* podemos apreender uma parte dessa atuação, principalmente, no intuito de fortalecer o elo entre o CCEC e a cidade e no preenchimento de espaços que resultavam em visibilidade para os euclidianos.

Apesar de marcarem presença em distintos lugares, o maior número de convites estava relacionado ao campo cultural de atuação do CCEC, em um desses momentos o Educandário de Ponta Grossa aceitava e firmava parceria com os euclidianos para exibições uma vez por mês de filmes culturais no citado espaço. Segue abaixo trecho da carta enviada pelo Educandário:

Ratificando os nossos entendimentos verbais de ontem, vimos, por telefone, solicitar o interesse de V. S., no sentido de serem levadas a efeito projeções de filmes culturais neste Educandário, no mínimo uma vez por mês, conforme o vosso oferecimento. (Educandário de Ponta Grossa, 1951).

Os vínculos que poderiam ser feitos nesses eventos vislumbravam possibilidades futuras para as ações do CCEC. Não sabemos como ocorreram os primeiros contatos entre os euclidianos e o Educandário, porém, conseguimos visualizar o estabelecimento de mais um liame entre a sociedade e o CCEC, nesse caso, voltado para a prática cultural e educacional de reproduzir filmes mensalmente naquele educandário. Os filmes ficavam a cargo dos euclidianos, dessa forma, era de esperar que as temáticas das películas estivessem atreladas às discussões e princípios do CCEC. A esfera educacional estava presente justamente na finalidade pedagógica e ideológica da exibição dos filmes e dos debates que ocorriam posteriormente.

Assim como a Maratona Euclidiana tornava-se um meio de divulgação das ideias dos euclidianos e de possível filiação de novos membros, ações como as do Educandário eram importantes também para alcançar esse objetivo. Cativar novos membros era importante para a sobrevivência e crescimento do CCEC, pois o cotidiano dos círculos intelectuais no país e principalmente nas cidades do interior, para além das representações discursivas heroicas, teve vários momentos de dificuldades para a manutenção dos grupos. Logo, adentrar em espaços educacionais significava também uma maneira de se apresentar à sociedade e aos jovens.

A Educação tornava-se a partir das atividades dos euclidianos a tradutora que ligava o projeto modernizador dos círculos intelectuais à sociedade, elo esse que seria concretizado através das ações,

pois não haveria como lidar com o desenvolvimento da cidade no sentido de inseri-la a um cotidiano moderno sem o ingresso da população nesse processo. Nesse ponto a instrução dos habitantes da urbe era indispensável para uma nova prática do dia-a-dia de contato com instituições culturais e atividades que incentivariam nas pessoas o gosto por assuntos correlacionados ao que chamavam de modernização: industrialização, ciência, crescimento urbano, entre outros.

Novamente, não podemos desprezar o elo com a política, mais especificamente com deputados e os prefeitos da cidade para a intensificação dos espaços para as práticas culturais que visavam instruir a população. Assim a participação dos euclidianos não se dava somente entre a sociedade civil, pois os acontecimentos políticos e datas cívicas também contavam com a organização e o apoio desses intelectuais.

Para a comemoração do 126º aniversário de Ponta Grossa, o prefeito e também euclidiano Heitor Ditzel, solicitava ao CCEC que fosse encaminhado para a prefeitura uma lista com três nomes escolhidos pelo Centro Cultural para serem oradores em atividades propostas durante essa comemoração, principalmente para dissertar sobre a História da cidade. Segundo o prefeito:

Como já deve ser de seu conhecimento, esta prefeitura está empenhada em comemorar, este ano, de modo mais expressivo, o 128º aniversário de fundação de nossa cidade a verificar-se a 15 corrente.

Para isso, foi organizado um programa de comemorações constando do mesmo várias cerimônias [...]

Às 14 horas, nesta última praça [Marechal Floriano], haverá concentração de estabelecimentos de ensino, clubes desportivos, entre outros, precedendo a um grandioso desfile, quando, do auditório, deverá fazer-se ouvir um orador, dissertando sobre a data de fundação da cidade.

Para essas três solenidades, desejaria esta prefeitura contar com a colaboração desse prestigioso Centro, colaboração que consistiria na designação de três oradores para se fazerem ouvir na ocasião [...] (Heitor Ditzel, 1951).

A escolha dos intelectuais do CCEC como oradores da festa da cidade contribuía para a visibilidade do grupo: a viabilização de um público amplo também era deveras interessante para os euclidianos, já que os intelectuais nas representações que teciam de sua missão social necessitavam de ouvintes, melhor dizendo, de ouvintes no espaço público, no qual pudessem dialogar e expor para a população assuntos que eram discutidos dentro do CCEC e de suas instituições. A festa da cidade tornava-se assim púlpito privilegiado para a concretização dessas tarefas.

Como a Educação estava atrelada a uma prática cotidiana, percebemos mais de perto a atuação dos euclidianos pela esfera local, isto é, voltada para Ponta Grossa, inclusive abordando nas datas festivas a própria história regional, exercendo mais uma das atividades educacionais estabelecidas pelo grupo. A busca por se inserirem em discussões em âmbito nacional ou até internacional permanecia em seus discursos, todavia, o projeto de atuação estava associado à cidade de Ponta Grossa e a seu crescimento no cenário nacional, o que significava também o destaque do CCEC nesse cenário.



Em cerimônia de nomeação de nova direção no Regente Feijó novamente encontramos os euclidianos presentes, sendo Faris Michael e o mestre de cerimônia. Segue abaixo notícia veiculada no *Tapejara*:

Sessão magna no colégio Regente Feijó: Recentemente, para substituir o Dr. Raul Pinheiro Machado, que havia solicitado demissão do cargo de Diretor do Colégio Regente Feijó, Exm. Sr. Governador Moisés Lupion nomeou o Dr. Mário Pereira de Araújo [...]. Encerrada a memorável cerimônia, foram os oradores vivamente cumprimentados, estando o Tapejara representado pelo seu diretor e vários redatores (Tapejara, 1956, p. 20).

Nesse sentido, destacamos que por mais que Faris e os membros do CCEC não tenham sido intelectuais que refletiram a fundo a estrutura e o funcionamento do campo educacional, estavam cotidianamente imersos nessa realidade, tanto como docentes quanto participando de eventos e cerimônias em instituições educacionais. Não podemos perder de vista também que essa inserção pelas instituições e espaços educacionais fazia parte da composição do projeto modernizador euclidiano de fazer conhecer suas discussões sobre brasilidade, ciência para a instrução de crianças e de jovens em um modelo cívico e moral.

Daily Wambier, no *Tapejara*, apontava a debilidade na formação dos alunos do ensino secundário, sintoma esse, segundo ele, que era percebido pelo intelectual no desempenho nos vestibulares e em concursos públicos. Para Wambier a Faculdade tornava-se um dos núcleos de análise e de crítica ao panorama educacional no país e na cidade de Ponta Grossa. No texto, apontava o problema e sugeria reformas de base na Educação:

Reclamam os homens de cultura do país, e essas reclamações encontram o referendo mais positivo nos estabelecimentos de Ensino Superior, contra a completa degradação do Ensino Secundário, que se ministra do Brasil.

As estatísticas referentes ao índice de desaprovações, nos diversos vestibulares, o mesmo acontecendo quando moças e rapazes, com certificado de curso secundário, tomam parte em concursos públicos.

Está perfeitamente comprovado que há imperiosa necessidade de uma reforma de base no ensino secundário, a fim de que os ginásios e os colégios não continuem a fabricar gente de baixa cultura [...] (Tapejara, 1957, p. 1).

Nessa perspectiva, no *Tapejara* encontramos a transcrição de uma conferência proferida por Amador Belegarde Junior na Associação Comercial do Paraná, cujo tema era “Educação como essência do fortalecimento moral de um povo”. Por meio de um discurso salvacionista e patriótico, Belegarde abordou a relação direta entre Educação e moral, melhor dizendo, a importância de uma renovação educacional para uma renovação também moral, na qual as vicissitudes contemporâneas do período fossem suplantadas por uma moral tradicional a serviço da nação:





Progresso e liberdade ou liberdade e progresso são duas carinhosas expressões que muito dependem da educação e interpretação de um povo ansioso por tê-las, não falsa e teoricamente, mas sim, graníticas na sua enorme acepção conjunta. [...] todo homem tem que ser um cidadão, um sentinela em guarda cotidiana, pela segurança de sua família, pela paz e pela indivisibilidade da pátria. [...]

Porém, não é somente a revolta íntima de cada um o bastante para enfrentar-se decididamente a penetração de doutrinas perfídias e a periculosidade dos sofismas incomparáveis com a formação moral de nosso povo. [...]

Urge, mesmo, que, pelo preparo e pela educação equilibrada da juventude hodierna, possamos contar com elementos de valor inestimável no amanhã da Pátria. Que se dediquem com fervor e se esforcem no objetivo sacrossanto de elevar sempre, cada vez mais, o nível moral do povo, que melhorem as condições materiais de sua existência, urge prepará-los, afirmo, instruí-los objetivamente, sem coloridos desnecessários e situações privilegiadas, mas, com os elementos que a preservação da democracia necessitar [...] (Tapejara, 1954, p. 14).

Conforme citou Belegarde na conferência, todo cidadão – e aqui entendemos a sua definição de cidadania – deveria ser “um sentinela [sic] cotidiano da paz, da segurança da família e da indivisibilidade do país”, a construção desse discurso conservado encontra correspondência no próprio projeto do CCEC, em que a legitimação do significado de modernidade não significava um conjunto de propostas liberais, pelo contrário, modernizar-se caminhava do desenvolvimento econômico às práticas morais e culturais conservadoras, de apego à ordem e às instituições tradicionais como a família e a pátria.

De maneira geral a movimentação em Ponta Grossa dos euclidianos participando de eventos, enquanto docentes e valorizando a própria atuação do CCEC como fomentador de práticas culturais importantes para o cotidiano da cidade, complementa-se com a proposição de projetos para a criação de instituições culturais e educacionais que trabalhariam de maneira conjunta para a formação da população nos ditames da ciência e do progresso.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento material da cidade, ainda que tímido na prática, porém, retumbante nas representações dos intelectuais, viria acompanhado no projeto do CCEC por meio do crescimento e do fortalecimento científico/educacional dos moradores da urbe. O CCEC utilizava-se dos veículos de comunicação para incentivar, por exemplo, nos jovens o hábito da leitura e o gosto por assuntos científicos, interessante observarmos também que nos eventos e solenidades, direta ou indiretamente relacionados ao campo educacional, os euclidianos se faziam presentes.

O CCEC foi representado por seus membros a partir do ideal da instituição de que a cultura seria o baluarte de equilíbrio do processo de modernização, elevando o cabedal intelectual dos homens e que manteria a moral e o espírito em alerta perante os sentimentos egoístas e ambiciosos que se intensificavam com o progresso econômico. Nos programas radiofônicos, nas correspondências e principalmente no jornal Tapejara, os euclidianos faziam questão de apontar a necessidade da criação de instituições e espaços para se vivenciar a cultura.



Os euclidianos idealizaram em suas representações otimistas que em poucos anos concretizariam o sonho de Ponta Grossa estar entre os mais renomados centros de cultura do país, além disso, as instituições culturais apresentavam também a função educacional, pois seria forçoso desmembrar essas duas características do projeto nodal do grupo, até mesmo porque no projeto euclidiano cultura e educação caminhavam juntas, e alimentar uma significava alimentar a outra. A criação dessas instituições na cidade também auxiliava no progresso material, principalmente na formação de uma população esclarecida quanto aos imperativos do trabalho e da linguagem científica. Doutra parte manteria, como dissemos, a índole moral e espiritual distante de condutas “hodiernas” que constantemente eram elencadas por esses intelectuais.



## REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- BURNAT, Fábio A. (et al). Nas ondas da PRJ- 2. **II Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho**. Florianópolis, 2004.
- CARNEIRO, Cirlei F. G; OLIVEIRA, Joselfredo C. de. Edificações escolares em Ponta Grossa a partir da gestão da “coisa pública” de Albary Guimarães. **Publicatio**. Ponta Grossa, v. 13, n. 1, 2005.
- DITZEL, Carmencita. H. M. O arraial e fogo da cultura: os euclidianos pontagrossenses. **Dissertação de Mestrado**. Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), Ponta Grossa, 1998.
- FIGUEIRÔA, Silvia F. de M. A propósito dos estudos biográficos na História das Ciências e da Tecnologia. **Fênix**. Belo Horizonte, v. 4, n. 3, 2007.
- LUPORINI, T. J. **Catálogo das fontes primárias e secundárias para a educação brasileira, localizadas no Estado do Paraná (região dos Campos Gerais: Castro, Palmeira, Piraí do Sul e Ponta Grossa)**. Ponta Grossa: UEPG, 1997.
- MASSARANI, Luisa; MOREIRA, Ildeu de C. Aspectos históricos da divulgação científica no Brasil. In: MASSARANI, Luisa; MOREIRA, Ildeu de C.; BRITO, Fátima (orgs.). **Ciência e Público: caminhos da divulgação científica no Brasil**. Rio de Janeiro: Casa da Ciência/UFRJ, 2002.
- MORIZE, Henrique. **Observatório Astronômico — um século de história (1827- 1927)**. Rio de Janeiro, Mast, 1989.
- SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (org.). **Por uma história política**. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003.
- TROVATTO, Cármen. **A Tradição Euclidiana: uma ponte entre a história e a memória**. São Paulo: UNIRIO, 2002.
- VAZ, Fabiana A. B. Formação de professores no Paraná: a Escola Normal primária de Ponta Grossa (1924-1940). **Dissertação de Mestrado**. Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2005.
- VIEIRA, Carlos E. O movimento pela Escola Nova no Paraná: trajetórias e idéias educativas de Erasmo Pilotto. **Educar em Revista**. Curitiba, n. 18, 2001.
- WANKE, Eno T. **Faris Michaele, o Tapejara: uma biografia**. Rio de Janeiro: Plaquette, 1999.